

Revista de Ensino
ORGAM
DA
Associação Beneficente
DO
PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO



REDACTOR-SECRETARIO:

AUGUSTO RIBEIRO DE CARVALHO

REDACTORES-EFFECTIVOS:

BENEDICTO MARIA TOLOSA

THEODORO JERONYMO RODRIGUES DE MORAES



PUBLICAÇÃO TRI-MESTRAL



NUMERO II



Typographia Nacional DE CARLOS BORBA

Rua 11 de Agosto n. 13 (antiga do Quartel)

— S. PAULO —

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa á

“REVISTA DE ENSINO”

deverá ser dirigida ao seu redactor-secretario

Prof. Augusto R. de Carvalho

CAIXA DO CORREIO, 183

REVISTA DE ENSINO

O tiro : seus effeitos physiologicos (*)

S. Paulo, junho de 1908.

E' notavel o movimento que se opéra no paiz em favor do exercicio de tiro.

Já existem, em S. Paulo, tres linhas de tiro solidamente constituidas, sendo uma destinada, exclusivamente, á força policial do Estado, e as outras duas, de fins mais amplos, reservadas á instrucção dos civis e da Guarda Nacional, recentemente incorporadas, sob os n. 2 e 3, á «Confederação do Tiro Brasileiro», com séde no Districto Federal e reconhecidas pelo ministerio da Guerra da Republica.

Pela nova lei patriotica do sorteio militar, que veiu impôr aos cidadãos a necessidade de conhecerem o manejo da arma, popularizando assim a carabina, vão essas succursaes inaugurar uma séria e real época de actividade.

Ninguem, entretanto, cogitou de contemplar essa pratica de pontaria pelo seu verdadeiro prisma: toda a gente a considera

mais pela sua força «instructiva», abrindo mão do seu poder eminentemente «educativo».

Cuida-se menos de empregal-a como um meio de reparar algumas anomalias visuaes que passam despercebidas ou que não se revelaram ainda, do que para alcançar a pericia de ferir os alvos, sem prodigalizar munições.

No tiro, tanto como nos regimentos—é preciso que não nos esqueçamos — o homem possui mais importancia que a arma: um bom atirador, com pessima arma, está mais bem armado que um mau atirador com optima arma.

O individuo não póde «atirar» pela simples hypothese de ter essa vontade: faltando-lhe sanidade organica ou a saúde nos olhos, só lhe resta o consôlo de figurar como contemplativo, para fornecer o estimulo dos seus applausos aos grandes successos alheios.

Diz tambem o commandante

(*) Transcripto do *Correio Paulistano*, de 20 de abril proximo findo.

Dégot: — (1) Para fazer um bom atirador, ha um processo physiologico a observar, como em todos os actos da vida humana, e tudo se resume, em derradeira analyse, a obrigar o proprio homem a fazer, seguindo um methodo apropriado, a educação de seus musculos e de seus nervos. O problema do tiro é, no fundo, um problema physiologico.

Ninguém pensará que esse exercicio tão hygienico e tão cheio de emoções tem uma acção educativa tão intensa e aproveitavel.

O inexperiente conscripto, e o proprio instructor de recrutas, são muitas vezes de todo inconscientes do limite dessas possibilidades physiologicas.

O seu escôpo não é sómente acostumar o cidadão a empunhar a arma e a «encarar a espingarda», isto é, a leval-a á cara, dirigindo para alguma parte a pontaria, afim de atirar a pessoa ou animal; não serve, apenas, para adestrar a mão humana no manejo dos fuzis.

A sua influencia é muito mais interna ou organica, que externa ou militar e destruidôra; é um efficaz remedio á fraqueza e a algumas aberrações do apparelho visual e aperfeiçôa, fazendo-os funcionar, os orgams da visão.

Si os aphorismos physiologicos não mentem, si é a funcção que faz o orgam — o exercicio de tiro desenvolve pelo funcionamento, que provoca.

Pensamos como o dr. E. Lau-

rent, (2), que julga. de grande necessidade o ensino do tiro nas escolas primarias. A creança que é, na escola, um bom atirador, será tambem, mais tarde, diante do inimigo, um bom atirador.

Nos campos de batalha, a maior parte dos soldados não «visa»: atira precipitadamente, a torto e a direito, e ha um desperdicio incalculavel de munições e de braços.

E' preciso, porém, que elles «visem» quasi instinctivamente, como os velhos caçadores; e sómente hão de lograr essa perfeição, si aprenderem a atirar na infancia ou quando mais jovens.

Por isso, nunca será de mais repetir que a pratica do tiro é a gymnastica dos olhos e tem um fim indiscutivelmente physiologico.

Para os educadores da mocidade, para os instructores do soldado — escreve o dr. Mosso (3) — ella se apresenta, sobretudo, como um dos meios, como uma das fórmias do problema da reconstituição da visão, entre as raças modernas: é a questão mais grave e mais urgente de todas as que se impõem á sua sciencia e á sua dedicação.

O regimento pôde, com effeito, e indubitavelmente, refazer braços, pernas e pulmões; mas, melhorar a vista de tantos adolescentes, refazer os olhos dos vinte annos, arruinados pelo abuso da leitura perniciosa, sem arte e sem methodo, sob uma luz insut-

(1) *Le tir en temps de paix et en temps de guerre.*

(2) *Précis d'éducation physique moderne.*

(3) *Education physique de la jeunesse.*

ficiente ou muito intensa — é de todo uma tarefa enganosa e plena de incertezas.

A educação physica dos olhos se faz pelo exercicio de accommodação; dá-lhes mais penetração, muito maior alcance e maior acuidade.

O habito de procurar distinguir, ao longe, os objectos, dá, pelo exercicio, mais agudez á vista; e essa accommodação incessante á grande distancia se faz pela concentração das fibras musculares e, por essa razão, é enorme a sua influencia sobre os orgams da visão.

Não é superfluo chamar em soccorro o prestigio scientifico de uma auctoridade, as affirmações decisivas do dr. Laurent, sobre a educação dos sentidos.

Emquanto um marinheiro distingue a fórmula e a estrutura de um navio no mar, o viajôr vê, apenas, ou percebe um ponto indeciso e infôrme.

Um arabe, no deserto, avista um camello e pôde dizer a que distancia se acha elle, emquanto que um europeu não vê absolutamente nada.

E' que a vida perigosa do marujo, bem como o viver errante do beduino do deserto os habituam á «lucta tremenda com as forças inconscientes da natureza» e forçam a pupilla de um e de outro a «perscrutar a vastidão tranquillã, cravando no horizonte o olhar profundo e agudo». (1)

Não se deve limitar a educar a vista sómente nos jardins da infancia e nas classes elementares de qualquer curso primario; pelo recurso das licções de coisas; a creança, nas escolas maternas, consegue apprender a distinguir as côres em seus matizes os mais diversos e a classificar as fórmias e a avaliar as distancias.

E' que essas escolas se regem pelos preceitos de Rousseau, que aponta os sentidos como os primeiros utensilios dos nossos conhecimentos. Antes de ensinar a creança a ler, devemos ensinalla a vêr. Eis porque a pedagogia moderna começa a educação da creança pelos sentidos.

Exercitar um sentido — lembra A. Bain (2) — é augmentar a sua faculdade natural de discernimento. E — como faz justamente notar Chaumeil (3) — aperfeiçoando-se os nossos sentidos, aperfeiçôa-se a nossa propria existencia, sob seu duplo aspecto physico e moral.

Os olhos são os mais importantes orgams dos nossos sentidos. São as janellas da alma, por onde advêm a cada um todas as noções de côres, fórmula, tamanho, posição, escripta e innumerables qualidades dos objectos. De todos os nossos sentidos, a vista é o que mais se avizinha da perfeição; as concepções das propriedades das coisas, provindo della, são mais vividas e completas do que as

(1) Julio Ribeiro e Theophilo Dias — *Procellarias.*

(2) *La science de l'éducation.*

(3) *Psychologie pédagogique.*

ideias dessas mesmas propriedades, quando chegam ao espirito por via de outros sentidos (1). Assim traduziu Ruy Barbosa e assim é, de facto.

Educa-se esse maravilhoso sentido da visão mediante muitos processos pedagogicos e, tambem, por meio dos jogos.

E' sob a fórma de jogo — ensina o capitão Gérard (2) — que os exercicios de apreciação das distancias são mais proficuos, sem fatigar a intelligencia.

Passeiando, ensina-se ás creanças o numero de passos que se fazem para medir uma distancia de cem metros. Collocam-se, para esse fim, bandeirolas coloridas de dez a dez metros, entre os dois pontos extremos. Pelo habito das observações e das comparações, chega-se mui facilmente a adquirir uma justa apreciação das distancias.

(1) *Primeiras lições de coisas*, de Calkins.

(2) *Traité des connaissances utiles à l'enseignement pédagogique du tir*.



Educar a vista da creança e do homem, a ponto tal de fazel-os calcular as distancias, é o mais relevante serviço que prestam á Patria os preceptores da infancia e dos recrutas.

Tão engenhosos quão uteis, muitos são os processos preconizados pelos auctores para a educação das funcções visuaes.

O exercicio de tiro é um dos que mais concorrem para essa perfeição: adoptando-o desde os verdes annos, na escola, preveniremos muitas enfermidades, que se originam, na maior parte, da inacção, da passividade completa dos musculos e dos nervos opticos.

Quer para a creança, quer para o adulto, o exercicio de tiro é uma das melhores gymnasticas dos olhos.

AUGUSTO R. DE CARVALHO

QUESTÕES GERAES

A educação e a liberdade dos captivos

Summula de uma conferencia (1)

Minha presença nesta tribuna é uma simples animação aos bons discipulos, que mais uma vez quiseram ouvir palavras de estímulo a suas diligencias educativas.

Não as negarei, mesmo rapidas, summarias e impallidecidas. No ponto de vista educativo, é possível quasi sempre tirar dos factos e das coisas o ensinamento que elles encerram.

E é dessas induções, dessas inferencias que nós, hoje, mais e mais necessitamos. A mocidade, mesmo a puericia novel, já se fana ás vezes num scepticismo desanimador. Não é só a falta de crenças nominaes, de credos classificados, o que a traz vermí-nosa e derrancada. E' a contemp-lação e a experiencia precoce das injustiças communs, das debilidades com que os mais so-lertes levam de vencida os mais meritorios. E' o espectáculo de oppressões, de preconceitos in-justos; é a maledicencia roaz que tudo malbarata; é a ovação in-sincera, a corrimação por despeito ou desfastio—é a despreoccupa-ção pelos motivos humanos e hu-

manas consequencias de seus actos o que fundamentalmente vae desedificando os futuros cidadãos de nos-sa Patria.

A commemoração do *Treze de maio* permite observações edu-cativas, que só de relance pode-rei fazer. Mesmo summarias, ellas mostrarão como o acontecimento, que hoje commemoramos, se re-laciona com o problema educati-vo. Sem o *Treze de maio*, esse problema não poderia ser consi-derado: não se póde cogitar da educação do homem num meio onde ha homens escravos.

*

A primeira observação, que nos cumpre ligeiramente fazer, é a que respeita ás raças e á sua correlativa educação. Não ha raças essencialmente diversas; não ha raças inferiores e raças superiores. Nós todos somos *terrigenas*: nenhuma raça cahiu do Olympo nebuloso com o direito inauferi-vel de governar as outras. Todos somos *terrícolas*: ninguem habita um Ossa, um Pelion altanado ou superposto, um Ararat, um Nebo mysterioso, de onde possa supe-

(1) Escola Normal, a 12 de maio de 1908.

riormente contemplar os tristes mortaes degenerados, sem soccorrer com sua egoista e inutil grandeza. A grandeza e relativa superioridade só nos vêm do esforço proprio, do auxilio collectivo, do merito humano com que nos aproveitamos de nossos terrestres elementos de acção, de nossas tradições de raça, de nossa riqueza, de nossa progressiva, adeantada civilização.

Ha uma só especie humana, com a mesma fundamental organização, com os mesmos attributos fundamentaes. Terrigenas e terricolas de certo meio, *tinto a principio com a côr do clima*, (Buffon), puderam desenvolver e fixar qualidades especiaes, que todos igualmente poderão depois adquirir ou aperfeiçoar.

Nuns o cerebro poude evolver, com o predominio relativo do intellecto. Noutros foi a actividade que mais sobresahiu. Em um grande numero, *nos de Phaeton queimados*, dominou o sentimento numa veneração, de que outros abusaram para os opprimir, e numa bondade ingenua, que outros exploraram em seu proveito.

A civilização final ha de sahir do final concurso dessas raças todas e não da preponderancia exclusiva de uma sómente. A educação ha de presidir ao conjuncto de nossa natureza, de nosso aparelho cerebral e não póde fazer predominar um elemento só. A educação das raças e dos povos devera finalmente eliminar as hostilidades com que se opprimem, os dissidios com que finalmente se gladiam para al-

cançar uma ficticia hegemonia. Todas as raças, todas as variedades e especies animaes são educaveis, são mesmo civilizaveis, desde que uma oppressão teimosa e má lhes não tolha os movimentos, lhes não calque os instinctos, as qualidades de aperfeiçoamento. Homens que educam os cavallos e os cães, para seus desportos, vêm advogar ás vezes, com triste inconsequencia, a inferioridade, o atrazo de uma raça que melhor do que elles poderá educar os cães, os cavallos e... até os infantis cavalleiros, que ella amorosamente carrega, amima em seus braços.

O que se torna preciso é vencer o orgulho injustificavel de uma pretensa hegemonia ou alteza de raça qualquer, e educar todas as raças, como se educam todos os animaes, como se educam, se acclimam, se hybridam as plantas varias. Nas raças atrasadas, já agora por oppressão nossa, é preciso fomentar as qualidades compatíveis com uma sociabilidade mais nobremente harmonica. Só um feio egoismo ou um obcecado, vão intellectualismo anti-philosophico, e igualmente egoista, poude sophisticar nos pretos uma insanavel inferioridade, para nelles cevar livremente os instinctos de cubiça infrene. Si os negros não prestavam, porque os foram empenhadamente conquistar em suas brenhas e cabildas, para delles tazer a argamassa e alicerce de nossas riquezas? Porque depois os disputaram em sangrentas, inqualificaveis guerras civis?

«Raças atrasadas são, mas em geral não degeneradas e que nós corrompemos mais do que civilizamos», diz o sr. A. F. Nogueira, que durante vinte e cinco annos viveu na Africa. Elle exalta as nobres qualidades da raça negra, cuja civilização real advoga superiormente em seu livro, *A raça negra sob o ponto de vista da civilização da Africa...*

Querem vêr como as raças superiores do norte julgam a inferioridade do preto? Escutae: «Burchell perguntou *por meio de um interprete*, a uns pretos Boshjemans, «que differença havia entre uma boa e uma má acção», e como a resposta não foi satisfactoria, «concluiu que eram uns brutos, porque não tinham sabido responder a uma pergunta tão simples» (1).

Eis o que é o abuso da sophisteria, da argumentação metaphysicamente philosophica ou logica.

Qual de nós resistirá a essa prova de superioridade?

Que raça desse modo não ficará inferior?

Não ha raças inferiores ante o progresso cada vez mais harmonico de uma civilização e de uma educação verdadeira.

*

Ora, nós quizemos civilizar a raça negra, explorando justamente a instituição que em seu estagio de progresso ainda naturalmente vigorava — a para nós monstruosa escravidão. Em eras

pristinias de nossa raça, foi a escravidão um progresso, porque era uma especie de *servidão*, a *servidão da penna*, como diriam os juristas. Os prisioneiros, que costumavam matar, foram *conservados* captivos ou vendidos pelos generaes, em compensação de os haverem *conservados* (2). Havia então o direito de vida e de morte sobre o escravo, como prisioneiro de guerra, (*jus vitae et necis*): era um consecretario da phase de conquista guerreira, que então atravessava a especie humana. Em nosso tempo, foi uma excrescencia monstruosa...

Nesse acto de pretendidos brancos civilizados, fomos nós os inferiores.

Annualmente passámos para nossos dominios centenas a centenas e meia de mil escravos, accendendo na Africa uma guerra continua, que açulavamos para augmentar o numero de nossas presas, as presas que nós queriamos *civilizar* em nossos campos. Nosso contacto foi e é ainda brutal com essas raças suppostas inferiores. Ainda ha pouco em plena assembleia do *Reichstag* allemão, lugubrermente resoaram ás tristes façanhas das raças *superiores*, que estão *civilizando* a Africa...

Devo dizer, para honra de nossa raça portugueza — essa tambem chamada *inferior* raça latina — devo dizer que foi em nosso meio que uma relativa

(1) *A raça negra*, pag. 96.

(2) *Perdigão Malheiros*. A escravidão no Brasil», I, 35: Servi ex eo appellati sunt quod imperatores captivos vendere, ac per hoc *servare*, nec occidere solent».

brandura amenizou os incomportáveis ferros da escravidão. Foi aqui, nessa tradicionalmente forte raça latina, nessa raça latente-mente viril, industrial e capaz de todos os empreendimentos — foi ahi que a escravidão, a par de seus grandes males, renunciou, preludiou a vera educação harmonizavel, que ha de unir em nosso humano globo o conjuncto das raças humanas.

Estou urgido pelo tempo: não posso delinear o quadro de nossos costumes, para mostrar ahi as influencias más da escravidão e as attenuações que nossa bondosa raça varonil nella socialmente, domesticamente poudo imprimir. Basta ver que não tivemos *codigo negro*, nem *patentes de branco* e que desde logo abolimos o estigma candente, o ferrete cruelissimo, a marca infamante.

Mas, em qualquer caso, foi uma instituição monstruosa e instillou em nossa educação as maleficas influências que summariamente vamos recensear.

*

Na educação universal, fomentou ella essa falsa opinião da inferioridade do negro, aggravou a má concepção das raças humanas. Foi um grave erro mental e uma funda ingratião. Rebaixavam, opprimiam, e depois increpavam os resultados do rebaixamento, da oppressão. A jurisprudencia, ás vezes, fazia envergonhar a civilização nossa ante a civilização romana.

Deu a muitos o preconceito da côr: encurtou os horizontes philosophicos, o descortino mo-

ral de muitos homens de responsabilidade politica e religiosa.

Nas relações internacionaes, gerou tractados deploraveis e deploraveis conflictos, em que nosso brio nacional foi posto a provas. A nação que mais nos feriu em nosso pundunôr, a altiva Inglaterra, era a mesma que não contivera ainda na Oceania os *kidnappings* (trafico, roubo de trabalhadores), a socia dos Beers e depois sua inimiga (por outros motivos que não os da triste escravidão, que estes valentes brancos condemnavelmente mantinham).

Basta contemplar um Nobrega, um Vieira, um Varnhagem, um Bispo Coutinho, a defender a escravidão, para sentir-se os males que ella causou á educação em geral.

Na educação civica, influuiu para o desrespeito á creatura humana, para o menoscabo á dignidade do cidadão. A abjecção da posse de um homem, sua oppressão, com sevicias, amesquinamento e até destruição, despoliram ás vezes nosso mesmo civismo republicano, quando tergiversou na immediata solução do magno problema politico e social.

Nossos concidadãos, dirigidos pelo proprio monarcha, desde a Independencia até á guerra do Paraguay, transformavam os escravos em soldados, em defensores do pavilhão nacional, até em guerras intestinas. Dahi vem nossa ainda justa repugnancia pela farda, mesmo da policia urbana, pacifica, assim tantas ve-

zes malbaratada em sua dignidade e civica nobreza.

Dahi vem a triste repugnancia pelo trabalho agricola, tão nobre e remuneradôr, quando se não faz delle uma especie de instituição bancaria, de Bolsa especuladora para ganhar sem fadiga, para haver lucros que *dêm para tudo*. Dahi nosso mesquinho orgulho de pobres, que receiamos *parecer creados*, que recusamos carregar embrulhos na rua ou engraxar nossas botinas, ao ponto de crear entre os italianos uma lucrosa industria que na mesma Italia não encontrei. Dahi nas moças esse desamôr aos cuidados caseiros, á prestadia, higienica e educadora cozinha, para se recrearem, para perderem o tempo alizando inutilmente os bancos escolares, ou as calçadas de ruas, de passeios frequentados...

Nossos costumes civicos e domesticos, o brio do povo, da familia muito com isso têm soffrido. A immigração ahi está, que nos força ás vezes a soffrer repulsas indignas e a ser muitas vezes insultados por estrangeiros, que ella para nosso meio interesseiramente carreou.

Na imperfeita e ás vezes nulla *familia servil*, a separação de seus membros, até em hasta publica; seu castigo nas cadeias, *coram populo*, e no interior das casas, ante as creanças estarecidas — tudo constituia uma influencia delete-

ria em nossa educação domestica e pessoal. As boas *Mamãs*, com sua ingenua credulidade, ao mesmo passo que nos insinuavam uma doce bondade affectuosa, eram o vehiculo de muita permiciosa credence com que desde a infancia se nos alteram os nervos, se nos infundem vãos terrôres, nocivas prevenções...

Ora, com o *Treze de Maio* se estancou a fonte malfadada que jorrava esses males em nossa imperfeita educação. Tambem para os brancos a *Lei Aurea* foi uma libertação. Foi sobretudo um alivio para os civilizados corações, que se affligiam com a negra macula dessa ominosa enxertia. Foi uma civica redempção, uma redempção educadora, e é por isso nossa data de maior relevancia. E' social, é civica, é politica — é humana. Nenhuma independencia politica, civica ou social poderá superar esta libertação de homens que por homens eram opprimidos e vilipendiados. Regosijemo-nos de ter podido celebrar-a com flôres, e com flôres a festejemos sempre. Assim, mais suaves se tornarão as auras educativas com que ella nos deve sempre bafejar.

12 de maio de 1908.

José Feliciano

PEDAGOGIA PRÁTICA

PAGINAS CIVICAS

(João Köpke — A GRANDE PATRIA)

II

(Continúa)

—Hontem, depois que tu sahiste, Papai, fiquei tão curioso de saber si, nos outros paizes, é como aqui no Brasil, que peguei naquelle livro, que tu dissesse que é a historia dos Estados Unidos, e comecei a folhear-o. Quiz vêr si lia e não entendi nada; mas, logo, nas primeiras folhas, encontrei o retracto de um homem. Não é feio, não; mas, tem um penteado differente do que se usa hoje e a cara sem barba, como um padre.

Por baixo do retracto li uma palavra, que parecia *Jorge* seguida de outra mais comprida, que não pude guardar de cór. E, por baixo dessas duas, vi um 1 com um *st-zinho* ao lado e para cima, e adiante *President* sem *e* no fim. Acho que quer dizer que esse homem foi o primeiro presidente dos Estados Unidos, não?

—Justamente, Alvaro; é Jorge Washington. Pronuncia devagar: *u-ó-chim-tân*. O inglez não se lê como se escreve. Jorge Washington foi o primeiro presidente dos Estados-Unidos da America do Norte, e, por isso, é que a sua capital é Washington, onde o presidente mora na *Casa Branca*, de que, no mesmo livro, se acha uma vista.

—Vi, sim, muitas vistas de

edificios e uma porção de outros retractos, todos com *president* em baixo e umas figuras de combates: soldados morrendo, muita fumaça, peças de artilharia, cavallos mortos. Parecia uma revolução. E é mesmo, Papai?

—E', meu filho; é a *guerra da independencia*. Mas a guerra é sempre uma revolução contra a civilização. O que tu viste foram scenas da revolução dos Americanos contra a Inglaterra para se separarem della e formarem uma nação á parte. Felizmente a revolução, de que prometti hontem te falar, não me obriga a mostrar brasileiros em lucta contra inimigos ou entre si, perseguindo-se e matando-se. Foi uma revolução sem sangue. O marechal Deodoro evitou, retirando-se do governo, que as ruas do Rio de Janeiro se transformassem em campo de batalha e muitos lares felizes, em montes de ruinas.

—E porque é que ameaçaram o marechal Deodoro de fazer isso, papai?

—Porque, meu filho, o marechal Deodoro commetteu uma falta grave. Os grandes homens erram, ás vezes, como as creanças.

O Congresso elegeu-o para go-

vernar por uma Constituição, que elle prometteu cumprir, e elle desprezou a Constituição e quiz governar á sua vontade.

—E o que é a Constituição?

E' a *vontade do povo*. Alvaro; é a lei, que marca o que é que o presidente, o vice-presidente, os senadores, os deputados e todos os que trabalham no governo do paiz póden fazer.

—Quem foi que fez a Constituição?

—O povo, que elegeu pessoas de sua confiança para a fazerem por elle. Essas pessoas formaram a Assembléa Constituinte, eleita a 15 de novembro de 1890, e que trabalhou até 24 de fevereiro de 1891, dia em que approvou a Constituição, elegend-o, no seguinte o 1.º Presidente e 1.º Vice-Presidente da Republica.

—O 1.º Presidente foi eleito em 1891, já me dissesse.

Mas, nesse tempo, quem governava, então, o Brasil?

—O Governo Provisorio, isto é, alguns homens, que só deviam governar, enquanto se fizesse a Constituição.

Esses, que vês ahi no album, em outra pagina, cercando o marechal Deodoro.

—E porque já não tinham feito a Constituição?

—Tinham, Alvaro; o Brasil tinha uma Constituição, que o governou até o dia, em que se formou o Governo Provisorio.

—E porque é que não continuou a servir-se della o Governo Provisorio?

—Porque o Governo Proviso-

rio se formou mesmo para mudal-a.

—E porque é que a queriam mudar?

—Porque é que tu não véstes agora aquelle vestidinho de merinó azul, bordado de seda frouxa, tão bonito, que a Mamã tem guardado numa gaveta da commoda?

Porque não te entretens com aquelle chocalhozinho de prata e com aquella argolinha de borracha, que estão junctas com o vestido?

—Porque agora sou grande.

—Pois o Brasil tambem cresceu, meu filho, e precisou mudar de *Constituição*. Tu queres que toda a tua vida te governe eu ou qualquer outra pessoa como te governo hoje, que és uma creança? Quando te fizeres homem, não te chegará tambem a tua vez de te governares por ti, de governar uma casa, de ser chefe de uma familia?

—Tenho esperança, Papai.

—Pois com um povo acontece o mesmo. Um povo atrazado é como uma creança nova: não póde ter a liberdade de se governar por si. Quando vai se adiantando, já vai sabendo melhor o que ha de fazer; e, por fim, quando já está bem adiantado, póde governar-se como entender, porque póde julgar bem do que lhe convém melhor. Em 1889, o Brasil contava já 389 annos, isto é, quasi quatro seculos, e, entretanto, quem o governava era um homem, que tinha o privilegio de governar porque o acaso o tinha feito nascer filho de outro homem, que,

um dia, o povo escolheu por lhe convir pela capacidade, que nelle via, homem aquelle, que teria de governal-o durante toda a sua vida, e que, morrendo, deixaria em seu lugar, não o substituto que o povo indicasse como *o mais digno* porém um filho ou uma filha, só pelo facto de ser seu filho ou sua filha!

— Mas isso era muito mal feito, Papai!

— Ah! E ahí está porque os brasileiros quizeram mudar de Constituição. Agora governa o que o povo escolhe como *o mais digno*. Posso amanhã ser eu, como é hoje o sr. dr. Prudente de Moraes; póderás vir a ser tu, ou qualquer brasileiro, que o povo eleja. O eleito do povo póde ser máu, como pódia ser bom ou mau o herdeiro do throno, que o acaso do nascimento dêsse para nos governar; mas, ao menos, não é *vitalicio*, e todos nós temos o direito de esperar ser pelo nosso merecimento o que elle mereceria pelo acaso. E essa esperança, que póde ter todo e qualquer brasileiro, só póde trazer beneficio: trabalharmos todos para bem merecer dos nossos patricios, certos de que elles nos darão ate a honra do seu governo, si nos julgarem dignos della. E antes de 1889? Chefe de Estado ninguem pódia ser, si não nascesse na familia privilegiada; homem de posição, sinão pelo favor do Chefe do Estado.

— E havia alguém que não quizesse a mudança da Constituição?

— Os homens que governavam.

— Quem eram?

— O chefe era o sr. d. Pedro de Alcantara. (1). Cá está o retracto desse bom velho. Sua familia era a tal familia privilegiada, a *dynastia imperial* da Constituição antiga, que o pae delle deu ao Brazil. d. Izabel, casada com um francez só porque era principe—como si ser principe fosse mais do que ser um seu *digno compatriota*, Alvaro!—d. Izabel, casada com o conde d'Eu, é que devia succeder-lhe. Era elle o *Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil* e o nosso Brazil, portanto um Imperio, uma monarchia.

— Então os monarchistas são os que querem outra vez a Constituição antiga?

— Exactamente, meu filho, a Constituição de que elles mesmos diziam tanto mal, quando o Imperador os contrariava.

— Que patetas, Papae!

— Essa palavra, Alvaro, ainda que um bocadinho *malcreada*, é, no sentido da tua comprehensão de creança, meu filho, a que mais lhes assenta. Realmente é uma tolice querer ser escravo de uma familia, de um chefe do acaso, quando a gente póde ser livre e escolher para governar o seu paiz aquelle que lhe parecer *mais digno*. Um Imperador, Alexandre da Macedonia, quando morria cercado dos seus generaes, entregou o anel, que era o symbolo do governo, a um delles, e determinou que coubesse elle *ao mais digno*. Assim, os proprios imperadores, e aquelles que, como Alexandre, se têm distin-

guido, approvam o titulo de direito, que a Republica dá ao seu chefe: — *o mais digno*... Mas ha gente que não pensa assim: respeitemos a opinião de cada um. No mundo ha muitos monarchistas e muitas monarchias. Na America, porém, havia uma só: a nossa; acabou-se, essa acabou-se. O que devemos, agora, todos, é amar a Republica; trabalhar por tornal-a respeitada; obedecer ás suas leis; fazer a felicidade do povo, a que pertencemos; e desejar ás nações, ainda escravas, que gozem mais depressa possivel da mesma liberdade de que gozamos.

— E todos não estão fazendo isso, Papai?

— Alguns infelizmente, não; outros, menos do que pódiam. Mas, felizmente, a maior parte confia e espera tudo da liberdade, que a nova Constituição lhe deu, abrindo a cada cidadão a estrada para a honra do governo supremo pelo caminho sem privilegios, que leva a ser *o mais digno*. Tu, a que grupo pertences?

— Papai pergunta?! A Republica na ponta sempre! Mas quem é este visconde de Ouro-Preto, que vejo aqui, no meio de tantos outros, em volta do retracto do senhor d. Pedro de Alcantara?

— Era o presidente do conselho de ministros do imperador; e os que o rodeiam, eram os seus companheiros, isto é, os ministros, quando o povo resolveu mudar a Constituição.

— E elle não deixou?

— Tanto deixou, Alvaro, que ella se mudou. Mas foi contra a sua vontade. Isso deu causa a

uma revolução, tambem. Felizmente não houve sangue, a não ser uma troca de tiros entre o barão do Ladario, hoje senador da Republica, José da Costa Azevedo, eleito pelo Amazonas, e então ministro da marinha, e alguns militares.

— Tiros?... Mas porque os militares deram tiros contra o Barão de Ladario?

— Ah! meu filho, comprehendes que, numa revolução, nem sempre é facil perceber as coisas para contal-as exactamente como se passaram. Isso foi na manhã de 15 de novembro de 1889, no Campo da Acclamação, hoje Praça da Republica, nesta cidade do Rio de Janeiro. Tu tinhas apenas sete annos. Havia já muitos annos que alguns brasileiros, bastantes, aqui, alli e além, pensavam em fazer da sua Patria uma Republica, isto é, em dar-lhe um governo livre, e, por isso, trabalhavam para mudar a sua Constituição. E quem mais os favorecia e apressava a mudança eram mesmo os partidos, que, então, sustentavam a monarchia, pois, quando o Imperador lhes tirava o governo, iam para os jornaes e diziam tudo ruim, e, quando elle os chamava para o governo, nada faziam, que prestasse. Em todo o Brazil, e em todas as classes do povo, já se pensava na Republica e se desejava a sua vinda. Ora, entre a classe militar e o governo, se tinha travado, havia alguns annos, uma lucta, em que o governo procurava humilhar os militares, e os militares se defendiam pedindo que fossem cumpridas as leis e respeitada a sua dignidade.

(1) *Galeria de historia brasileira*, ed. Garnier, pag. 106.

Mais tarde conhecerás os factos, que deram causa a essa lucta.

Mas, desde que ella se dava, naturalmente os partidarios da Republica, que pertenciam á classe militar, tinham como certo que o melhor meio de acabar com as questões entre o Governo e os militares era mudar o Governo, isto é, dar á Nação um Governo mais digno.

Assim, os republicanos do exercito facilmente se ligaram aos que não pertenciam ao exercito; e, reunidos, conseguiram o apoio dos que, sem serem republicanos, acceitariam um governo, que não perseguisse e maltractasse a classe militar. Todos os republicanos, portanto, e os descontentes com a conducta do governo, começaram a combinar o melhor meio de mudar a situação do paiz. Por seu lado, o governo do visconde de Ouro Preto, sabendo do que se passava, ia-se dispõdo para o que acontecesse. Vês, consequentemente, que as coisas estavam preparadas de parte a parte, e um facto qualquer poderia servir para o rompimento. Esse não tardou. Constando que dois batalhões, de que o Governo desconfiava, teriam ordem de marchar para Matto Grosso, os chefes militares acharam que se deviam oppôr a essa ordem. Na manhã de 15 de novembro, portanto, apresentou-se o marechal Deodoro com o tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1) no Campo da Acclamação, em frente ao Quartel Ge-

neral do Exercito, acompanhado das tropas contrarias ao Governo. O Governo, que sabia do movimento, estava tambem no quartel a essa hora. A postos as forças revolucionadas, defronte do quartel, com a sua artilharia para elle voltada e a postos as forças com que o governo contava dentro do quartel, comprehendes que uma lucta, e lucta pavorosa, sanguinolenta, mortifera, estava rompe, não rompe! O marechal Deodoro manda, então, communicar ao visconde de Ouro Preto o proposito e resolução daquelles que commandava. O visconde, ameaçado por essa intimação, ordena que se rompa fogo, contra a força insubordinada, tomando a infantaria, á bayoneta, a artilharia postada diante do edificio, como muitas vezes se tinha feito no Paraguay. O ajudante-general do exercito, que era o marechal Floriano Peixoto, respondeu a essa ordem que, no Paraguay, tinha sido possivel fazer o que o visconde determinava, porque lá os brasileiros estavam diante de inimigos, e não de irmãos. Nestes entrementes, o marechal Deodoro avança para o portão do quartel, que se lhe franqueia, e entra por elle a dentro no meio das acclamações da tropa alli recolhida. O visconde de Ouro Preto comprehendeu que perdera a jornada, e os chefes civis, entre os quaes os srs. Quintino Bocayuva (2) e Aristides Lobo, acercando-se do marechal Deodoro e do tenente-coronel Benjamin Constant, go-

(1) *Galeria de historia brasileira*, ed. Garnier, pag. 84.

(2) " " " " " " " "

zaram do prazer indizível do ouvir consorciadas a victoria da dignidade do Exercito e a da liberdade da Patria no brado de — *Viva a Republica!* — com que o intrepido soldado, alevantando o boné (1) annunciou ao Povo por entre o troar dos canhões e o applauso entusiastico das forças, o fim da revolução e o seu baptismo de livre.

— E o Imperador, papae?

— Descendo de Petropolis ao receber communicação do occorrido, acolheu-se ao Palacio da cidade, onde o Governo Provisorio, logo constituido, o mandou guardar por tropa de Cavallaria, e ali lhe foi presente a intimação para que se retirasse do Brazil com a sua familia, visto que o Exercito Nacional e a Armada, em nome do Povo, o destituam do seu poder. e adoptavam a fórma republicana, cumprindo que embarcasse a 17, como, de facto, embarcou, cercado de toda a deferencia devida a quem, por tantos annos, exercera o cargo de Chefe do Estado.

— Para que isso, Papae? Que mal fazia deixar o pobre velho no seu paiz, que elle devia amar como nós?

— E que amava muito mesmo, Alvaro, e pelo qual quiz fazer muita coisa e a que morreu convencido de haver feito muito bem. Mas que queres? Porque foi que, ás vezes, quando eras pequenino, tua mãe, tão boa, tão carinhosa, tão sensivel á menor brutalidade, levantou o chinelo, e chegou mesmo a zangar-se e a te bater com elle? Foi para que

tomasses aquelle remedio horrivel, que ella tinha toda a fé que te salvaria de maiores males. O mesmo acontece para que um povo tenha saúde, viva bem: ás vezes é preciso que os que governam, não escutem o coração. Si ficasse aqui o Imperador, pôderiam dar-se perturbações—luctas entre os seus amigos e os homens da revolução. Como foi, (embora seja triste que os seus amigos nada, nada, por elle, tentassem ao menos) foi melhor. Elle, que lia muito, devia saber que *ser Imperador é ter escravos*, e que os escravos conspiram sempre pela sua liberdade, ainda que, para conseguil-a, se arrisquem ao carcere, ao ferro e ao fogo. Elle sabia que Carlos de Inglaterra e Luiz de França, com a corôa, perderam, mais do que a Patria, a cabeça. Doloroso, o banimento não podia ter para o sr. d. Pedro de Alcantara o espinho da surpresa. Foi melhor como foi: o seu paiz queria e tinha direito a uma nova Constituição.

— E quem foi que a fez?

— Já te disse que foi uma Assembleia Constituinte, eleita, expressamente para esse fim, pelo povo. Mas, enquanto não se elegia essa Assembleia, e para elegel-a, o marechal Deodoro tomou conta do Governo, com os homens, cujos retractos vês nessa folha do album. Foi esse o Governo Provisorio, isto é, o Governo do *emquanto não se faz a Constituição*. O Governo Provisorio conservou-se, com algumas modificações, no poder, até

(1) *Galeria de historia brasileira*, ed. Garnier, pag. 81

25 de fevereiro de 1891. Os srs. Aristides Lobo e Demetrio Rubeiro fôram substituidos pelos srs. José Cesario de Faria Alvim e Francisco Glicerio, e o marechal Floriano Peixoto entrou para a pasta da Guerra, passando o tenente-coronel Benjamin Constant para a da Instrucção Publica, Telegraphos e Correios, então creada. Pedindo, a 20 de janeiro de 1891, demissão os ministros do governo assim fôrmodo, o marechal Deodoro chamou o barão de Lucena, que fôrmo o ministerio, que vês na pagina seguinte. A 24 de fevereiro foi promulgada a Constituição e a 26 (1) começou o Go-

verno do 1.º presidente com esse ministerio.

— Quanto tempo governou o Imperador, papai?

— Desde 1840 até 15 de novembro de 1889—quantos annos vão?

— Quarenta e nove.

— Já não é um pequeno reinado, não achas?

— Então, quando tu nasceste, quem governava era elle?

— Si eu sou de 1860, me parece qui sim.

— E quando vovô nasceu?

— Recuando assim, não acabamos mais. E' a minha hora. O vovô que te responda, meu filho; é fonte limpa.

(1) *Galeria de historia brasileira*, ed. Garnier, pag. 84.



NOTAS DE PORTUGUEZ

Syntaxe geral e portugueza

V

Figuras de construcção — seu emprego. — Ellipse, zeugma, pleonasmio, syllepse, hyperbaton, anastrophe, parenthesis, synchyse. — Ordem da voz passiva.

A expressão de nossas ideias baseia-se nos objectos materiaes do mundo externo e nas deducções resultantes das nossas meditações. Dahia a objectividade e a subjectividade do phenomeno.

Nas manifestações de ideias empregam-se certas abreviaturas, autorizadas pelas figuras syntacticas. A mais commum é a ELLIPSE.

ELLIPSE É A SUPPRESSÃO DE PALAVRAS OU PHRASES NO DISCURSO, SEM O TORNAR CONFUSO. Assim dizemos — *escreverei amanhã* — em vez de — *EU escreverei amanhã*.

ZEUGMA É A SUPPRESSÃO DO VERBO.

E' a ellipse do verbo. Por meio della, em um dado periodo, o verbo da primeira oração pôde abranger as outras. «*Creou Deus o mundo, as plantas, etc.*»; *creou Deus no espaço as aves, nos rios os peixes, no ceo os anjos, etc.*

O emprego desta figura é muita vez indispensavel porque o verbo repetido pôde mudar o sentido do dizer ou tornar a linguagem monotona.

PLEONASMO É A REPETIÇÃO DE TERMOS EM UMA ORAÇÃO. Esta figura nem sempre contribue para a belleza da phrase, constituindo vicios desnecessarios. «*Eu mesmo a vi com estes olhos que a terra ha de comer*».

SYLLEPSE É A DISCORDANCIA GRAMMATICAL. «*Vossa Magestade é amado*; «*antes sejamos breve que prolixo*».

A syllepse pôde ser de genero e numero.

Essa discordancia, entretanto, é apparente, porque logicamente ha concordancia com o genero ou numero, ou genero e numero do sujeito.

HYPERBATON É A FIGURA QUE TEM POR FUNÇÃO TORNAR A EXPRESSÃO MAIS ELEGANTE.

Ella nos faculta a ordem inversa, de que nos occuparemos no proximo capitulo. Exemplos: «*nas bombas que de fogo estão queimando*»; «*illustre homem*».

Anastrophe, parenthesis e synchyse são casos especiaes da hyperbaton.

ANASTROPHE É A ORDEM PREPOSTERA DAS PALAVRAS, «O ceo, a terra, as ondas atroando».

PARENTHESIS É A INTERPOSIÇÃO DE UM SENTIDO EM OUTRO.

«Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos e jeitos singulares,
D'Africa as terras, d'Oriente os mares».

SYNCHYSE É A TRANSPOSIÇÃO DE PALAVRAS COM PERTURBAÇÃO DA

ORDEM GRAMMATICAL. Seu fim é produzir effeito imitativo, como se nota no seguinte exemplo:

«A grita se levanta ao ceo da gente».

A voz passiva, em portuguez, fórma-se tanto pelo AUXILIAR anteposto ao verbo activo, como pela particula SE, que pôde ser anteposta ou posposta ao verbo, como já tivemos occasião de dizer.

VI

Ordem directa e inversa.—Seu emprego.—Razões de preferencia na lingua portugueza á ordem inversa sobre a directa.—Influencia da syntaxe franceza.—Ordem inversa, de acôrdo com a expressão natural, sentimental e intellectual—Divergencia entre a syntaxe portugueza e a brazileira.

Ha duas ordens de CONSTRUÇÃO em portuguez: DIRECTA e INVERSA.

A ordem directa consiste em empregar-se em primeiro lugar o sujeito com os seus complementos, e depois o verbo seguido do attributo e de seus complementos na seguinte ordem—terminativo, circumstancial e restrictivo.

A ordem inversa, entretanto, é a mais espontanea e natural, estando por isso mais de acôrdo com os nossos sentimentos e funcções intellectuaes. E' por isso que os francezes, que tanto influenciaram em nossa lingua, já se vão deixando dominar pela theoria que mais se coaduna com o portuguez, que conta a harmonia como um dos seus caracteristicos capitaes. Pela construcção inversa o espirito subordina-se ao coração. Essas expressões confirmam os sentimentos, expandindo a intelligencia.

A amisade, a bondade, a veneração, não conhecem leis; as suas manifestações não cabem nas regras grammaticaes.

A linguagem na ordem inversa é, pois, muito mais perfeita e elevada que na directa. Assim é que a poesia é bem mais comprehensivel que a prosa por sua sentimentalidade.

Camões, nos Lusiadas, afastou-se muito da construcção directa. Alli se encontra o sujeito depois do verbo e o participio presente antes do sujeito. Este poeta enriqueceu o portuguez com muitas palavras gregas e cerca de mil e quinhentas latinas.

A leitura de escriptos francezes, entretanto, muito tem contribuido para modificar a maneira de construir, especialmente no Brazil, onde o GALLICISMO impuneamente impera.

S. Paulo, junho de 1908.

LUIZ CARDOSO.

Collaboração

O symbolismo da Bandeira norte-americana

(CEL. ROBERT INGERSOLK—da *Primary Education*)

A bandeira pela qual os nossos heroes se batem, pela qual elles morrem, é o symbolo de tudo que somos, de tudo que esperamos ser: é o emblema dos direitos eguaes; significa mãos livres, labios livres, governo de nós mesmos e a soberania do individuo; significa que este continente tem sido dedicado á liberdade; significa educação universal—luz para cada espirito, saber para cada creança; significa que a casa da escola é a fortaleza da liberdade; significa que os governos derivam seus justos poderes dos governados; que cada homem é responsavel ao governo e para o governo; que a responsabilidade caminha de mãos dadas com a liberdade; significa que é dever de cada cidadão supportar sua parte da carga publica—tomar parte nos negocios de sua cidade, sua provincia, seu estado e sua patria; significa que a urna é arca da convenção e que a fonte da auctoridade não deve ser envenenada; significa o perpetuo direito de pacifica revolução; significa que

cada cidadão da Republica, nativo ou naturalizado, deve ser protegido em casa, em cada Estado, fóra, em qualquer Paiz ou sobre qualquer mar; significa que todas as distincções baseadas no nascimento ou sangue têm perecido das nossas leis; que o nosso governo deverá permanecer entre o trabalho e o capital, entre os fracos e fortes, entre o individuo e a corporação, entre a necessidade e a riqueza; é dar e garantir simples justiça a cada um e a todos; significa que haverá remedio legal para todos os males; significa hospitalidade nacional; que devemos bem dizer ás nossas terras, os exilados do mundo, e que os não devemos expulsar; alguns pôdem ser deformados pelo trabalho, impedidos pela fome, quebrados no espirito, victimas da tyrannia e casta, em cujas tristes faces pôde ser lida a tocante recordação duma vida cansada, e, no emtanto, seus filhos, nascidos da liberdade e do amôr, serão symetricos e bellos, intelligentes e livres.

OSCAR DE SÁ CAMPELLO.

PEQUENA EXPERIENCIA

Sobre a psychologia Infantil

Experiencias feitas por insignes pedagogistas de além-mar provaram que o estado mental da creança é melhor no começo dos trabalhos escolares do que no fim da aula. Baseados neste principio, em muitos paizes se formularam os horarios de modo que as materia de ensino, que exigem maior esforço intellectual, são dadas nas primeiras horas de aula.

Assim se tem feito e se continúa a fazer em os nossos Grupos Escolares, sem que ninguem (que eu saiba) se dêsse ao trabalho de verificar si os resultados dessas experiencias feitas em paizes longinquos e entre povos de indole e clima diferentes dos nossos, são adaptaveis á nossa indole, ao nosso clima, ao nosso desenvolvimento physico e psychico.

Ora, uma experiencia feita por mim ainda ha poucos dias com os alumnos da minha classe (II anno) deu resultados justamente oppostos, demonstrando que as *faculdades* intellectuaes das nossas creanças se acham em um certo estado de torpôr no começo dos trabalhos escolares, desenvolvendo-se pouco a pouco e manifestando-se mais activas nas ultimas horas de aula.

Este phenomeno dá-se, naturalmente, quando o ensino é administrado de acôrdo com o estado psychologico dos alumnos.

Si, portanto, a intelligencia das creanças está *entôrpecida* no começo da aula, não seria um absurdo encetarmos os trabalhos

escolares por uma materia difficil?

Começada a primeira licção do dia, nós obrigamos as vibrações cerebraes das creanças a mudar de direcção. Ora, esta mudança de vibrações cerebraes, sendo feita bruscamente e com trabalhos pesados, pôde ser nociva, assim como pôde ser prejudicial para uma locomotiva que se põe em movimento abruptamente.

— Mas isto é um paradoxo— dirá alguém.

E'. E sel-o-á emquanto os meus collegas não se resolverem a fazer as suas experiencias tambem que, aliás, não são difíceis, porquanto todo o professor deve ter um certo conhecimento de pedagogia experimental (ou pedologia, ou pedimetria, ou anthropologia pedagogica).

A minha experiencia foi feita por meio de dictados: um, no começo e outro no fim da aula, com a mesma duração e apresentando identicas difficuldades. Os trechos que eu dictei são os seguintes:

De manhã:

«Quando Cabral chegou ao Brazil, encontrou-o habitado, porém por povos que viviam na mais baixa civilisação: eram indios ou bugres os naturaes do paiz.

Esses indigenas andavam em completa nudez, trazendo, quando muito, enfeites de varias côres; tinham por arma o arco e se alimentavam da caça e da pesca.

De tarde:

«Entregues á natureza, pode dizer-se que os indigenas não conheciam Deus, nem leis, obedecendo, todavia, cada tribu a um chefe chamado *ca-*

cique, que geralmente era o guerreiro mais valente da tribu.

As numerosas tribus que povoavam o Brazil pertenciam a duas grandes raças».

Eis o resultado da experincia :

26 de março de 1908

NUMERAÇÃO	DE MANHÃ <i>começado ás 11 e 14 e terminando ás 11 e 26</i>	DICTADOS		DE TARDE <i>começado ás 3 e 34 e acabado ás 3 e 45</i>
		Edade dos alumnos em annos		
	NOMES	Erros de manhã	Erros de tarde	OBSERVAÇÕES
1	Clovis . . .	10	1 0	
2	Affonso . .	10	1 1	
3	Jacinto . .	9	5 4	
4	Lazaro . . .	12	1 1	
5	Felix	11	5 2	
6	Amadôr . .	10	4 1	
7	Alvarenga .	9	3 4	O alumno Moacyr de manhã escreveu <i>blazil</i> e de tarde <i>Blazil</i> .
8	Decio	11	1 3	
9	Lucio	9	5 1	
10	Armando . .	9	6 4	
11	Adolpho . .	10	5 2	
12	José	9	2 1	
13	Ferreira . .	9	2 1	
14	Juvenal . .	12	13 12	
15	Octavio . .	13	2 2	
16	Rossi	11	6 5	O alumno Rossi de manhã escreveu <i>Crazil</i> e de tarde <i>brazil</i> .
17	Camargo . .	9	3 2	
18	Osorio . . .	10	2 0	
19	Chinello . .	9	1 2	
20	Romão . . .	11	10 8	
21	Moacyr . . .	9	4 4	
22	Americo . .	11	2 3	
23	Gabriel . . .	10	12 7	
24	Raul	10	5 2	
25	João	11	3 3	

Total 104 | 75

As correcções fôrão feitas de acôrdo com a *phonologia* e não com a *orthographia* que, em experiencias desta natureza, tem valôr negativo.

Como se vê, o resultado da minha experiencia é contrario ao dos nossos mestres de além-mar, por quanto os alumnos commetteram maior numero de *erros* no começo do que no fim da aula.

A que lei obedece este phenomeno ?

Clemente Quaglio

Professôr no grupo escolar «Rangel Pestana» do Amparo.

COMPOSIÇÃO GERAL

POR

Julio Le Clerc Knaw

(TRADUÇÃO LIVRE)

O adestramento na expressão oral começa a ser julgado necessario. Os discipulos devem ser ensinados a expressar-se de pé.

Usualmente o que têm a dizer é uma interminavel successão de *e, e, e, e s, s, s*, sobre os quaes poucas ideias são encadeadas, com compridos e irregulares intervallos, trabalhosos para os outros como para elles meninos ou de outra sorte é quasi tão impossivel arrancar qualquer coisa mais do que um *yes* ou *no* como os seus dentes caninos. Esta condição pôde ser remediada pela paciencia. E' um bom plano *pôr de parte* um recitativo por semana para cada membro da classe, dar uma ligeira palestra de quatro minutos sobre cada assumpto de interesse geral ou particular. E' bom limitar o tempo a fim de que os debates sem importancia possam ser desprezados e o alumno apprenda a escolher os pontos salientes.

Deve ser-lhe permittido usar de notas a principio, para que ganhe segurança. Si a classe é demasiada grande, divida-a em duas secções, e pôde falar-se todas as quinta-feiras, ou em qualquer outro dia que seja conveniente.

Apprendem a esperal-o, a planejar sobre elle e a caçar assum-

ptos interessantes para os dias de conversa seguintes.

Quasi sempre realizam a importancia do exercicio e desejam sobressahir nelle para que se possam habilitar a subir na loja quando fôrem homens e dirijam seus companheiros, ou no club, como suas mães, e conversem. Dir-vos-ão que seus paes e mães acham um bom plano e os encorajam no trabalho.

Certos dias devem ser designados para conversas sobre poemas; outros dias, para pinturas; outros, para historia, historias mythologicas, ou ainda este exercicio pôde ser feito para mais *centação* com seus estudos de historia, literatura, etc.

O professôr deve escrever certos topicos em tiras de papel e mandal-os desenhar com permissoão de trocarem uns com outros. O alumno muitas vezes pensa que os themas escriptos são designados para fazel-o conhecer um auctor ou não, e resentindo tal interferencia com seus naturaes direitos de sellecção, elle lucha acautelado do perigo de ser convertido num? antes que elle o saiba. Mas, elle reconhece o facto que a composição oral tem um valor pratico. Dá-lhe um adestramento que o habilitará a expressar-se em ne-

gocio, relações sociaes ou profissionaes, e, em seu coração, das creações elle aneia pela posse da fluente expressão oral. Assim elle pôde render-se á vontade do professor, e pôde ser levado para a luz onde elle pôde mesmo ver algum senso no trabalho escripto.

O estylo deve ser simples e em direitura, a enunciação clara e sufficientemente alta e a posição em pé facil e, tanto quanto possivel graciosa. Bastante orgulhoso para manter a attenção da classe e não ser considerado um importuno (é uma armadura).

O professôr deve sempre estar grandemente interessado no que cada um tem a dizer, si a coisa é para ser um successo, e deve

sustentar o timido pela expressão de sympathia que na maioria dos casos é uma verdadeira linha de vida atirada num mar tempestoso. Impressionae nelles os seguintes factos: uma lingua imprudente faz mais mal do que um coração malicioso. Um conhecimento profundo das palavras dá poder e commodidade. A superioridade do inglez dá-nos habilidade para olharmos para nós mesmos para que outros não nos tirem o melhor de nós. A differença entre um camponez e um cavalheiro é largamente materia de palavras. Não ha pharse da vida do trabalho ou da vida do divertimento que elle não possa beneficiar; por conseguinte apprende o—Inglez.

OSCAR DE SÁ CAMPELLO.



POESIA

(ANTONIO PEIXOTO)

Recitada pela menina INDIANA DO VALLE, *despedindo-se da sua professora*, D. CELESTINA DO AMARAL *nas festas de encerramento do grupo escolar da «Bella Vista».*

Não ha nada que me abale
De dizer este discurso.
E' teimosa como um urso
Dona Indiana do Valle.

O que sou? Um grão de areia.
Mas, graças a Deus, menina
Que nunca fez cara feia
Para Dona Celestina!

A palavra de Indiana
Não vale uma bagatela...
Mas, collegas, vibra nella
Muita gratidão humana!

De tudo o que aconteceu
Vocês, distinctas collegas,
Sabem tanto ou mais do que eu
Pois não são meninas cegas.

Inda ha pouco me contava
A Aurora de Magalhães
Que, senhora, vos amava
Como a rainha das mães!

E a Marina o que me disse!...
Tinha saudades tão grandes
Que, remedando a Clarisse,
Eram tamanhas dos Andes!...

Dentro da escola ou do lar
Não ha quem, hoje, não goze
Os fructos de Pestalozzi
Que vossas mãos sabem dar!

Vosso trabalho é divino!
A voz dos homens consigna
Que, das missões, a mais digna
E' justamente a do ensino.

E' nas aulas trabalhando
Pouco a pouco, dia a dia,
Que a gente vae conquistando
O pão da sabedoria!

Nunca vestidos de renda
Deixaram rica a pessoa...
Convém até que se apprenda:
Rica será quem fôr boa.

Já que vejo, no horisonte,
Desencantar-se o porvir,
As rosas de vossa frente
Quero de rosas cingir!

Com que pezar vou-me embora!
Mas vós tendes culpa disso
Porque puzestes feitiço
Nestas creanças, senhora!

Agora é bom que me cale.
Ponto final no discurso.
Foi teimosa como um urso
Dona Indiana do Valle.

POESIA

Recitada pela menina MARINA RODRIGUES, *despedindo-se de sua professora* d. CELESTINA DO AMARAL, *nas festas de encerramento do grupo escolar da BELLA VISTA.*

Tambem a vossa Marina
Soffre, Dona Celestina,
Porque partis, desta vez!
Pois teve a rara fortuna
De ter sido vossa alumna
Em novecentos e seis!

Apprendemos tantas cousas
Recurvadas sobre lousas,
Sobre laudas de papel!
Fôram dez mezes risonhos,
Que fugiram como sonhos,
Entre sorrisos de mel!

Ensinastes sempre que ha de
A luz branca da Verdade,
Nas consciencias, brilhar...
E que a Virtude e o Trabalho
São filhas do mesmo galho,
Fructos do mesmo pomar!

A educação é um thesouro!
São lindas moedas de ouro
As moedas do saber!
Não ha riqueza mais bella
Do que, collegas, aquella
Que o mestre, rindo, nos dêr!...

Nunca fui nem sou egoista;
Mas grupos da Bella Vista
Muito poucos se acharão...
Assim é que se trabalha:
A professora não ralha
Nem quer de cór a licção!

Ides partir! De perder-vos,
Se commovem nossos nervos
Como cordas a vibrar!
Parti, senhora, tranquillã
Que vosso olhar já scintilla
Como um sol, ao nosso olhar!...

As flôres que a Ludovina
Vos deu, Dona Celestina,
Tudo exprimem, desta vez.
Adens! Bemdigo a fortuna
De ter sido vossa alumna
Em novecentos e seis!

6 Marechal Deodoro

*A's vezes, leio e decoro,
Porque torna a gente sã
A vida de Deodoro
Ou de Benjamin Constant.*

*E' Deodoro quem move,
De espada erguida na mão,
No anno de oitenta e nove,
O povo á revolução!*

*Era a quinze de novembro,
Quando elle sae e galopa
Num cavallo—bem me lembro!—
A' frente de toda a tropa,*

*E, no Campo de Sant'Anna,
Dando um viva, o Marechal
Declarou Republica
A nossa terra natal!*

*Marchando no batalhão,
Parecia, não o deixo,
A figura dum leão
Com muita barba no queixo!*

*Foi valente nas batalhas
Entre tiros de espingarda,
Pois tinha o peito da farda
Coberto só de medalhas!*

*Quem estudar sua vida
Ha de vel-o, a cada passo,
Offerecendo seu braço
Pela patria estremecida!*

*O Brazil rendeu-lhe gloria
Em troca de tanto amor:
—Gravou seu nome na Historia
Como se grava uma flôr!*

Pela imprensa estrangeira

CONVENÇÃO

PARA O ESTABELECIMENTO DE UM INSTITUTO PEDAGOGICO CENTRO-AMERICANO.

(De *El Guatemalteco*, diario official da republica centro-americana de Guatemala).

Os governos das republicas de Guatemala, Costa Rica, Honduras, Nicaragua e do Salvadôr, reconhecendo como da maior importancia e transcendencia para orientar o ensino em um espirito de centro-americanismo e encaminhal-o uniformemente pelos phanaes que assignal-a a Pedagogia moderna: e, animados do desejo de fazer effectivo e pratico esse reconhecimento, resolveram celebrar uma *Convenção*, e nomearam delegados em cada um dos paizes interessados com o fim de leva-la avante:

GUATEMALA: srs. d. Antonio Batres Jáuregui, dr. d. Luiz Toledo Herrarte e d. Victor Sánchez Ocaña;

COSTA RICA: srs. d. Luiz Anderson e d. Joaquín B. Calvo;

HONDURAS: srs. dr. Policarpo Bonilla, dr. d. Angel Ugarte e d. E. Constantino Fiallos;

NICARAGUA: srs. drs. d. José Madriz e d. Luis F. Corea;

NO SALVADÔR: srs. dr. d. Salvadôr Gallegos, dr. d. Salvadôr Rodriguez González e d. Federico Mejía.

Em virtude do convite feito, conforme o Art. II do Protocolo firmado em Washington, a 17 de setembro de 1907, pelos representantes plenipotenciarios das cinco republicas centro americanas, estiveram presentes em todas as deliberações os exmos. srs. representantes do governo dos Estados Unidos Mexicanos, embaixador d. Henrique C. Creel e representante do governo dos E. Unidos da America—sr. William I. Buchanan.

Os delegados, reunidos na Conferencia de Paz Centro-americana, em Washington, depois de haver communicado seus respectivos plenos poderes, que encontraram em boa fôrma, combinaram levar a effecto o proposito indicado da maneira seguinte:

ART. I.—As republicas de Costa Rica, Guatemala, Honduras, Nicaragua e do Salvadôr, animadas pelo desejo de estabelecer um serviço de educação commum, essencialmente homogêneo e que propenda para a unificação moral e intellectual desses paizes irmãos, hão convencionado fun-

dar, ás expensas e em proveito de todas, um *Instituto Pedagógico*, com secção masculina e feminina, para a educação profissional do magisterio. Costa Rica será a séde do estabelecimento.

ART. II.—Está entendido que, quanto ao pessoal docente, edificios, mobiliario e material scientifico, o *Instituto Pedagógico* estará na altura dos melhores de sua categoria, ou classe.

ART. III.—A installação, organização e administração economica, assim como fiscalisação geral do estabelecimento, cabem ao governo de Costa Rica; porém os outros governos interessados poderão, quando o julguem conveniente, nomear um delegado ao conselho directivo do mesmo. O governo de Costa Rica comunicará annualmente aos outros governos a marcha e o estado do estabelecimento.

ART. IV.—Cada republica tem o direito de manter até cem normalistas no *Instituto Pedagógico*—cincoenta de cada sexo—mas não deixará de enviar, pelo menos, vinte de cada sexo.

ART. V.—Calculado os presupostos gastos extraordinarios de installação, nos quaes entram os edificios, mobiliario e o material scientifico, a vinda do pessoal

docente, etc., communicar-se-á aos governos interessados e cada um delles porá á disposição do de Costa Rica a quóta que lhe corresponda como contribuição.

Em vista das progressivas ensanchas e do progresso do *Instituto Pedagógico Centro-Americano*, o governo de Costa Rica deixará facultativa a construcção de edificios especiaes, situados fóra dos grandes centros de população, em lugares salubres, frescos e propicios ao trabalho intellectual.

ART. VI.—Quanto aos gastos extraordinarios de soldos, internato e administração, etc., serão abonados á Costa Rica, no começo de cada exercicio lectivo.

ART. VII.—A *Liga Pedagógica* aqui combinada—primeiro passo no sentido da unificação dos sistemas de ensino—durará quinze annos prorogaveis á vontade das altas partes contractantes.

ART. VIII.—Esta convenção será ratificada por notas trocadas entre os governos interessados; e, uma vez ratificada, por-se-á em vigôr, sem perda de tempo.

Firmada na cidade de Washington, nos vinte dias de dezembro de mil novecentos e sete.

(Seguem-se as assignaturas de todos os delegados).

Movimento associativo

A séde da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado é á rua de Santa Thereza, n. 28.

Acha-se aberta, nos dias uteis das 6 ás 9 horas da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a séde.

O presidente da Associação, sr. Fernando Martins Bonilha Junior, reside á rua da Tabatinguera, n. 17; o thesoureiro sr. Izidro Denser, á rua Vergueiro, 112; o 1.º secretario, sr. Demosthenes Marques, ao largo do Cambucy, n. 4; o procurador, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 106.

O thesoureiro é diariamente encontrado na séde social, das 7 ás 8 horas da noite.

A mordoma do mez de março que é D. Brazilia I. da Silva, reside á rua Tabatinguera, n. 7; a do mez de abril, D. Guiomar dos Santos

Torrezão, reside á rua da Tabatinguera, n. 33; a do mez de maio, D. Maria Cestlau de Moura, reside á rua Monsenhor Andrade, n. 22; a do mez de Junho, D. Isabel de Serpa e Souza, reside á rua Tres Rios, n. 8; a do mez de Julho, D. Guiomar Silva, reside á rua Piratininga, n. 41-H; a do mez de Agosto, D. Ignez Augusta da Conceição, reside á rua Rodrigo Silva, n. 17; a do mez de Setembro, D. Lueinda Maria Braga, reside á rua Rodrigo da Silva, n. 17; a do mez de Outubro, D. Maria do Carmo Pinto e Silva, reside á Alameda Nothmann, n. 91; a do mez de Novembro, D. Alice Avila de Macedo, reside á rua Rodrigo Silva, 52; a do mez de Dezembro, Avelina Reis Vieira, reside á rua Conselheiro Furtado, n. 77; a do mez de Janeiro de 1909, D. Catharina Cestlau de Moura, reside á avenida Intendencia, n. 61.

A REVISTA DE ENSINO é publi-

cada sob a responsabilidade da Directoria, mas o seu editor—responsavel é o presidente da Associação.

O redactor-secretario deste organ é o sr. professor Augusto Ribeiro de Carvalho, á quem deverá ser dirigida toda a correspondencia que dis respeito áquella publicação, a caixa postal n. 183.

Os preços da assignatura da REVISTA são os seguintes:

Anno	5\$000
Numero Avulso . . .	1\$500

Todos os socios quites são considerados assignantes da REVISTA sem retribuição alguma.

Os associados podem obter a REVISTA com abatimento de 50 % sobre os preços de assignaturas.

A directoria, de accôrdo com o art. 42 dos Estatutos, poz em execução um regulamento da caixa de auxilio condicionaes, o qual será distribuido a todos os associados.

Afim de evitar reclamações relativamente á correspondencia, é de grande necessidade que os srs. associados, sempre que mude de residencia, o communicquem ao secretario.

Postos medicos

1)—DR. CARLOS MEYER—E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 72, até ás 9 horas da manhã. Dá consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na capital, pelo preço de 5\$000. Tambem se propõe a fazer gratuitamente, analyses em escarros, catarrhos e outras substancias, para elucidação de diagnosticos clinicos.

2)—DR. ROBERTO GOMES CALDAS—Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer. Consultorio—rua de S. Bento, n. 38; residencia—rua Major Quedinho, n. 5.

3)—DR. LYCURGO PEREIRA—Presta seus serviços clinicos nas seguintes condições:

Visitas	5\$000
Consultas aos associados gratis.	

Consultorio—rua de Santa Thereza, n. 9.

4)—DR. N. SOARES DO COUTO—Presta seus serviços clinicos aos associados nas seguintes condições:

Visitas nos domicilios.	5\$000
Consultas	3\$000

Residencia e consultorio—rua Duque de Caxias, n. 22.

Dentistas

1)—JAYME TEIXEIRA, cirurgião dentista. Presta seus serviços profissionais, aos associados e as suas familias, por preços modicos. Gabinete e residencia á rua General Jardim, n. 63.

2)—MARIO LAS CASAS—Presta

seus serviços profissionais, tambem por preços modicos.

Gabinete—Largo de S. Bento, n. 12.

OBSERVAÇÃO—Os srs. associados devem tractar, préviamente, os preços relativos aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possiveis.

Secretaria da Associação Beneficente do Professorado Publico, em 6 de junho de 1908.

O Secretario,

DEMOSTHENES MARQUES.

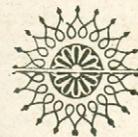
Pharmacias

Fornecem medicamentos aos associados com abatimento de 20 %.

1)—PHARMACIA DE SANCTA THEREZA, de Ignacio Puiggari, á rua de Sancta Thereza, n. 9.

2)—PHARMACIA E DROGARIA, de João dos Santos & Comp., á rua de S. Bento, n. 66.

3)—PHARMACIA ASSIS, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro, n. 9.



NOTICIARIO

ENSINO MILITAR

Nas escolas superiores e nos estabelecimentos de instrução secundaria

O Governo Federal, dando execução ao disposto no art. 170 do regulamento anexo ao decreto n. 6947, de 8 de maio proximo findo, e na conformidade do art. 171 do mesmo regulamento—resolve que, não só nas *escolas superiores e nos estabelecimentos de ensino secundario mantidos pela União, pelos Estados ou Municipios, inclusive o Districto Federal, mas nos institutos tambem particulares que estiverem no goso da equiparação aos congeneres federaes*—se observem as seguintes disposições:

Art. 1.º.—É obrigatoria a instrução do tiro de guerra e evoluções militares, até a escola de companhia, aos alumnos maiores de 16 annos que cursarem as escolas superiores e estabelecimentos de instrução secundaria mantidos pela União, pelos Estados ou pelos municipios, inclusive o Districto Federal, bem como aos que cursarem estabelecimentos particulares que estiverem no goso da equiparação (regulamento citado, art. 170).

Art. 2.º.—A instrução militar obrigatoria, nos institutos a que se refere o art. 1.º comprehendrá:

Fuzil Mauser

a) nomenclatura, seus accessorios e munições;

b) limpeza e conservação;

c) funcionamento geral do mecanismo;

d) funcionamento da alça de mira;

Instrução pratica do atirador

e) regras de pontaria e posições do atirador;

f) carregar e actuar sobre o gatilho;

g) tiro com cartucho de manobra;

h) tiro ao alvo com carga reduzida;

i) tiro ao alvo nas linhas de tiro com cartucho de guerra;

j) avaliação de distancias e emprego da alça de mira;

k) iniciação dos alumnos nos exercicios de pontaria por detraz de muros, arvores e quaesquer outros abrigos, e contra-alvos moveis em combinação com as instruções sobre a apreciação de distancias e emprego da alça;

Evoluções militares

l) instrução individual sem armas;

m) idem com arma,

n) instrução da esquadra em ordem unida e extensa;

o) exercicios de flexibilidade da esquadra;

p) instrução de combate da esquadra;

q) divisão e subdivisão da companhia e logares dos graduados nas diversas formações;

r) instrução de pelotão em ordem unida e dispersa;

Esgrima de bayoneta (regulamento citado, art. 173)

Art. 3.º. O directôr de cada instituto de ensino civil onde fôr obligatoria a instrução militar requisitará do inspectôr permanente da região a designação de um instructôr, declarando ao mesmo tempo o numero de alumnos maiores de 16 annos (regulamento citado, art. 174).

Art. 4.º.—Ao instructôr compete:

§ 1.º.—Dar a instrução militar nos dias e horas designados no programma do instituto de ensino;

§ 2.º. Seguir uma progressão racional e methodica nos exercicios das diversas categorias de alumnos que frequentarem as aulas de tiro e evoluções e que, a seu criterio, melhor convenha para o exito final do conjuncto;

§ 3.º. Encarregar-se da linha de tiro existente na localidade, quando ella não tenha encarregado proprio;

§ 4.º.—Registrar depois de cada exercicio em um livro rubricado pelo directôr do estabelecimento de instrução as occorrencias havidas e os nomes dos alumnos que faltaram;

§ 5.º.—Requisitar do commandante da força do exercito activo na localidade, ou na mais proxima, o armamento e a munição necessarios para os exercicios de tiro, bem assim as cadernetas a que se refere o art. 6.º;

§ 6.º.—Requisitar do mesmo commandante uma praça para cuidar do armamento a cargo do estabelecimento de instrução e os artigos precisos para limpeza e conservação;

§ 7.º.—Requisitar do inspectôr permanente um aspirante a official para auxiliá-lo quando o numero de alumnos obrigados ao ensino militar fôr superior a 30;

§ 8.º. Communicar ao registro militar da região de alistamento os nomes dos alumnos que concluíram os respectivos cursos e receberam cadernetas, declarando, em relação a cada um, o nome, filiação, anno de nascimento, naturalidade e municipio em que residir (regulamento citado, arts. 175 e 176).

Art. 5.º.—O armamento necessario á instrução militar dos alumnos será fornecido pelo Ministerio da Guerra, por emprestimo, ao estabelecimento de ensino, não sendo, porém, o numero de fuzis superior ao sufficiente para armar um pelotão (regulamento citado, art. 176).

Art. 6.º.—O alumno que tiver recebido a instrução militar e frequentando, com aproveitamen-

to, pelo menos 60 exercicios de evoluções militares e 24 de tiro ao alvo com cartucho de guerra, receberá, quando concluir o curso do estabelecimento, a caderneta correspondente á sua classe.

A instrucção militar terminará por dois exercicios, um de tiro de guerra e o outro de evoluções, a que assistirá o inspectôr permanente ou um seu representante (regulamento citado, art. 177.)

Art. 7.—O alumno de escola superiôr que antes tiver cursado estabelecimento onde a instrucção militar seja obrigatoria, e possua a caderneta correspondente á classe a que pertença ou deva per-

tencer, ficará obrigado sómente a fazer mensalmente um exercicio de tiro ao alvo, que será attestado na respectiva caderneta pelo instructôr (regulamento citado, art. 178).

Art. 8.—A instrucção militar será ministrada sem prejuizo dos trabalhos escolares.

Art. 9.—Aos alumnos que servirem como voluntarios de manobras ou reservistas nas manobras annuaes serão abonadas nas aulas em cada anno lectivo, tantas faltas quantos os dias em que se realizarem as alludidas manobras (regulamento citado, art. 172).

Alguns apontamentos officiaes sobre a instrucção publica

A instrucção publica continua a ser uma das preoccupações mais constantes do poder publico.

Disseminar o ensino, especialmente o primario, deve ser a principal missão dos governos democraticos; pois a instrucção do povo é a base mais solida de qualquer organização politica.

Si em nosso estado muito se tem feito neste particular; si os appparelhos deste ramo da publica admnistração estão perfeitamente montados e funcionam com a maior regularidade, constituindo justo orgulho para os paulistas, forçoso é reconhecer, entretanto, que muito resta a fazer. Infelizmente as dotações orçamentarias não pôdem ser proporcionaes ás necessidades de uma

maior diffusão do ensino e de sua mais efficaz fiscalização.

No sentido de dar maior desenvolvimento ás matriculas nos diversos estabelecimentos desta capital, foi resolvido o desdobramento dos cursos da Escola Normal e de alguns grupos escolares em duas secções, funcionando uma pela manhã e outra, á tarde, para o que foi expedido decreto n. 1577, de 21 de fevereiro de 1908.

Com o fim ainda de remodelar as escolas preliminares, no sentido de dar-lhes uma organização mais pratica e utilitaria, creou o governo pelo decreto 1578, da mesma data, uma escola modelo, que servisse de padrão ás escolas isoladas, do mesmo modo que a

«Escola Modelo Caetano de Campos» serve de typo aos grupos escolares.

Para fazer face ás despezas creadas com esses serviços, foi, pelo decreto n. 1594, de 10 de abril findo, aberto um credito especial e extraordinario de duzentos contos de réis (200:000\$000), acto este que opportunamente será sujeito á deliberação do Congresso.

Fiscalização do ensino

Ainda é deficiente a fiscalização do ensino, principalmente em relação ás escolas isoladas.

O numero de inspectores escolares, é, ainda hoje, o mesmo de ha dez annos passados, quando o numero das escolas era pouco superior ao terço do actual.

Grupos escolares

Os grupos escolares continuám a produzir excellentes resultados.

Existem actualmente 80 em funcionamento e 2 em organização. Outros estão creados, porém sua installação depende da necessaria dotação.

Esses estabelecimentos foram frequentados o anno passado por 25.498 alumnos.

O governo tem recebido e aceito de diversas municipalidades importantes offertas de terrenos, materiaes e predios apropriados á installação de tão util instituição.

Escolas isoladas

Acham-se actualmente providas

1.314 escolas isoladas, sendo que destas 192 pertencem ao corrente anno.

Temos tambem 12 escolas reunidas no Estado.

As 1.122 escolas providas o anno findo toram frequentadas por 35.253.

O ensino primario era, outrossim, ministrado a 31 de dezembro ultimo em 291 escolas municipaes com 8.234 alumnos.

Material escolar

O governo continúa a auxiliar com o material escolar adoptado nas escolas do Estado, a muitas municipalidades, bem como a estabelecimentos de ensino mantidos por instituições particulares de reconhecida utilidade publica.

Ensino secundario

O ensino secundario é ministrado, com o maior proveito, nos gymnasios e nas escolas complementares.

Nestas, o movimento do anno findo foi o seguinte:

CAPITAL

Matriculados 313
Diplomados 66

ITAPETININGA

Matriculados 217
Diplomados 36

PIRACICABA

Matriculados 201
Diplomados 22

CAMPINAS

Matriculados 172
Diplomados 35

GUARATINGUETA'

Matriculados 200
Diplomados 39
Naquelles foi este o movimento:

CAPITAL

Matriculados 245
Approvedos 149

CAMPINAS

Matriculados 99
Approvedos 42

RIBEIRÃO PRETO

Matriculados 47
Approvedos 16

No gymnasio de Ribeirão Preto, creado pela lei n. 1.045, de 27 de dezembro de 1906, foi installado o 2.º anno.

Escolas Polytechnica e Normal

A Escola Palytechnica e a Escola Normal funcionaram com toda a regularidade, continuando assim a corresponder às necessidades de nossa instrução e do nosso progresso.

Para execução da lei n. 1.095, de 26 de outubro ultimo, que creou o curso de engenheiros electricistas, a installar-se no anno lectivo de 1908—1909, foi expedido o decreto n. 1.539 de dezembro do anno passado.

Frequentaram a Escola 160 alumnos, dos quaes 17 completaram os respectivos cursos.

Na Escola Normal estão matriculados 617 alumnos, sendo 156 na secção da manhã e 461 na secção da tarde.

Em o anno findo fôram diplomados 44 alumnos de ambos os sexos.

Seminario de Educandas

Está definitivamente installado em predio proprio o Seminario de Educandas.

Novas adaptações e melhoramentos estão sendo feitos.

No decurso do anno findo deram-se 18 vagas, que fôram immediatamente preenchidas.

Publicações

Recebemos as seguintes, cujas remessa agradecemos:

Do Mexico — *La Enseñanza Primaria*, da Capital; *Revista Escolar Chihuahense*, de Chihuahua;

Do Equador — *Boletin de las Escuelas Primarias*, de Guayquil, provincia del Guayas;

Da Republica Argentina *La Escuela Pratica*, *El Magisterio*, *El Monitor de la Educacion Común*, de Buenos Ayres; *Revista de Educacion*, de La Plata;

Do Acre — *O Cruzeiro do Sul*;

Do Maranhão — *Revista Annual*, do Centro Caixeiral, de S. Luiz; *A Comarca*, de Codó;

Do Pará — *O Trabalho*, da Capital;

Do Piauhy — *O Commercio*, da Capital;

Do Ceará — *Revista do Ensino*, *Revista Escolar*, *Revista Andarilhoa*, de Fortaleza; *Oitenia e Nove*, de Baturité; *A Palavra*, de Camocim;

De Alagoas — *O Gladiante*, de Maceió; *Vinte de Julho*, de Pilar; Da Bahia — *Ad Lucem*, *Boletim*, da Directoria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas;

Do Rio de Janeiro — *Tribuna de Petropolis*, *O Izabelense*, de Sancta Izabel do Rio Preto;

Do Paraná — *A Escola*, do «Gremio do Professorado Publico»;

Do Rio Grande do Sul — *O Taquaryense*, de Taquary, *A Voz do Povo*, de Uruguayana;

De Minas Geraes — *O Monitor Sul Mineiro*, de Campanha; *O Passageiro*, de Tres Corações do Rio Verde; *O Resistente*, de São João de El Rei; *Gazeta de Ubá*; *Gozetu de Ouro Fino*; *O Commercio*, de São João do Nepomuceno; *O Araguay*, de Araguay; *A Voz do Povo*, de Poços de Caldas; *O Juvenil*, de Bom Successo; *O Guarará*, do Espirito Sancto do Guarará; *Revista-Sul-Mineira*, de Ouro Fino.

De São Paulo — *Boletim*, da Repartição demographo-Sanitaria, *Germania*, *O Rebate*, *A Verdade e Luz*, *A Nova Cruz*, da Capital; *O Mundo Occulto e A Cidade de Campinas*, de Campinas; *A Folha e O*

Jundiahense, de Jundiahy; *Correio do Norte*, de Guaratinguetá; *Cidade de Bragança*, *Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba; *A Imprensa*, de Araraquara; *Gazeta e Correio*, de S. Carlos do Pinhal; *Tribuna do Povo*, de Araras; *Correio de Botucatu*, *A Folha e Mensageiro*, de Aparecida; *Republica*, de Itu; *O Quinze de Novembro*, de Sorocaba; *Gazeta de Jacarehy*; *A Gazeta do Pinhal e A Republica*, do Espirito Sancto do Pinhal; *A Cidade de S. João e A Jardineira*, de S. João da Boa Vista; *A Cidade e o Correio Palmeirense*, *O Tempo e a Cidade de Faxina*; *O Municipio*, de Lorena; *O Municipio*, de Pirassununga; *A Cidade*, de Dous Corregos; *O Municipio e A Imprensa*, de S. Manoel do Paraizo; *A Gazeta de Capivary*; *O Cartel*, de Batataes; *O Correio Brotense*; *O Cravinhos*; *O Tieté*; *Correio do Sertão*, de Avaré; *Imparcial*, de Sertãozinho; *Gazeta de Annapolis*; *O Mineirense*, S. João da Bocaina; *O Porvir*, de S. José do Rio Preto; *Correio do Interior*, de Ribeirãozinho; *A Vera Cruz*, do Gremio Literario Recreativo de Casa Branca; *O Proletario e Rio Pardo*, de S. José de Rio Pardo; *O Escolar*, de Porto Ferreira; *A Noticia*, da Capital; *O Diario*, de Santos; *A Vida Paulista*, revista illustrada, da Capital.





AO FORNECEDOR DAS ESCOLAS PUBLICAS

Fardamentos Escolares e Fabrica de Bonés
Unica casa neste ramo que fornece tudo que é preciso para os
Grupos escolares, Lyceus e Colegios particulares
SECÇÃO DE EXERCICIOS MILITARES

A. BOGGIANI

Fornecedor das Escolas Publicas desde o anno de 1883

Casa de Confiança—Importação directa

Armamento

Espadas

Tambores

Cornetas

Divisas



Especialidade

em

Estandartes

bordados

Bandeiras

e Cortinas

Carabina escolar de fabricação propria

Distinctivos e medalhas para premios

Vestimentas historicas e phantasticas para representar

Rua José Bonifacio 29 — Telephonio, 1658

S. PAULO

SUMMARIO

	Pag.
O TIRO: SEUS EFFEITOS PHYSIOLOGICOS, de <i>Augusto R. de Carvalho</i>	3
Questões geraes	
A EDUCAÇÃO E A LIBERDADE DOS CAPTIVOS, de <i>José Feliciano</i>	7
Pedagogia pratica	
PAGINAS CIVICAS, de <i>João Köpke</i>	12
NOTAS PORTUGUEZ, de <i>Luiz Cardozo</i>	19
Collaboração	
O SYMBOLISMO DA BANDEIRA NCRTE-AMERICANA, de <i>Oscar de Sá Campello</i>	21
PEQUENA EXPERIENCIA SOBRE A PSYCHOLOGIA INFANTIL de <i>Clemente Quaglio</i>	22
COMPOSIÇÃO ORAL, de <i>Oscar de Sá Campello</i>	24
POESIAS, de <i>Antonio Peixoto</i>	26, 27, 28
Pela imprensa estrangeira	
INSTITUTO PEDAGÓGICO CENRO-AMERICANO	29
MOVIMENTO ASSOCIATIVO	31
Noticiario	
ENSINO MILITAR	34
ALGUNS APPONTAMENTOS OFFICIAES SOBRE A INSTRUÇÃO PUBLICA	36